

Tara Moore

SOLSTÍCIO DE VERÃO

Tradução
Augusto Melo

*Quinta Essência**

1

Maio Dublin

Ashling Morrison deitou um breve olhar pelo estúdio, como que a examinar tudo, pôs a sua máquina fotográfica *Nikon* favorita ao pescoço, agarrou na pega da mala *Vuitton* com rodízios e fê-la rolar até junto da porta.

– É tudo? Estás de partida? – Moira, a sua assistente, esticou a cabeça para fora da câmara escura, onde estivera a revelar uma série de provas para a *Irish Crème*, uma nova revista da alta sociedade.

– Estou, que Deus me ajude. – Já com um ar ligeiramente desvairado, Ashling disparou a habitual salva de instruções do último minuto. – Não te esqueças. Logo que possível, manda-me por *e-mail* aquelas fotos de teste de Sua Excelência. – «Sua Excelência» era uma alcunha que assentava na perfeição a Tempest O’Leary, uma supermodelo a caminho da meia-idade cujas despropositadas exigências eram lendárias. – E não te esqueças de trancar tudo como deve ser. Tens os meus números de contacto em caso de emergência e deixei tanto o número do Rossa como o de Carrickross afixados no quadro. Oh, e a quem perguntar,

diz que a partir de segunda-feira estará tudo a funcionar como sempre. Ainda não estou em posição de poder dar-me ao luxo de recusar trabalho.

Moira abanou a mão com impaciência.

– Ah, por amor de Deus, vê lá se te raspas daqui! Não sou idiota de todo, sabes? E, Ashling... – chamou ela antes mesmo de a porta se fechar... – Não te esqueças que és uma vaca sortuda como o raio! Eu cá não recusaria dar uma voltinha no triciclo do Rossa Granville!

Ashling esboçou um sorriso, deixando a porta fechar-se atrás de si com um estrondo. O descaramento dela! Mas Moira tinha razão. Ela tinha sorte, bem mais sorte do que jamais ousara imaginar que viria a ter. O grande solitário com um diamante que brilhava na sua mão esquerda, um bem da família passado ao longo de gerações, era prova disso mesmo. Olhou para o relógio, aumentando o seu entusiasmo ao pensar no noivo que naquele preciso momento estaria a enfrentar o complicado trânsito de Dublin vindo do aeroporto ao encontro dela. A ideia deixou-a extremamente bem-disposta enquanto ia descendo as escadas e batendo com a mala nos degraus que conduziam ao seu estúdio, chamado In Focus e situado bem no cimo de um velho edifício de quatro andares em estilo jorgiano, em Exchequer Street. Embora ela apreciasse o desenho clássico e a história do edifício, esta era uma daquelas alturas em que teria sido capaz de vender a alma pelo moderno conforto proporcionado por um elevador. Diversos lanços de escadas com degraus que chiavam e estavam desnivelados não eram de todo o ideal, mas a centralidade da sua localização era incomparável e, com as rendas exorbitantes que eram praticadas nesta parte de Dublin, ela sentia que fora uma bênção ter conseguido encontrar aquele espaço.

Passou junto à empresa de peritos contabilistas do terceiro andar, o duvidoso consultório de hipnoterapia do segundo e, por fim, pelo rés do chão, que fora alugado a um mestre chocolateiro famoso. No entanto, naquele dia não havia tempo

para parar e ficar a salivar sobre os pralinés de café ou os chocolates recheados com licor de morango, pelo que ela avançou rapidamente, arrastando a mala atrás de si, virando à esquerda no cruzamento de Exchequer Street com a Grafton Street e dirigindo-se para a encantadora rua convertida ao trânsito pedestre que levava a Saint Stephen's Green. Combinara encontrar-se com Rossa no outro extremo do parque, onde havia mais hipóteses de ele conseguir estacionar. Com uma atitude determinada, ela foi abrindo caminho por entre a multidão de turistas e gente às compras que enchiam aquela conhecida e velha rua, repleta de butikues de *designers* e de ecléticas livrarias e galerias de arte, passando pela Bewley's, o café mundialmente famoso, de onde emanavam os mais sedutores aromas. Quando o tempo disponível lho permitia, não havia nada que ela mais gostasse do que demorar-se ali, com o seu olho de fotógrafa constantemente a avaliar a enchente de pessoas que por ali fluía, admirando-se com a mudança ocorrida no padrão demográfico no decurso dos últimos anos. Hoje, os rostos e vozes de povos estrangeiros eram tão visíveis quanto os dos irlandeses. Polacos, romenos, somalis, chineses, todos eles andavam em busca da Terra Prometida. Uma irónica reviravolta em relação aos dias em que eram os irlandeses que faziam as malas e partiam rumo a paragens diferentes.

Recusando entregar-se a distrações, Ashling continuou, evitando habilmente os apertos, e só parou quando a isso foi obrigada, diante de uma passadeira, frente a Saint Stephen's Green. Não que estivesse atrasada, mas Rossa também não era conhecido pela sua paciência e já o imaginava a tamborilar os dedos com impaciência no volante do seu *Aston Martin* cinzento-prateado.

Quando o verde do semáforo caiu, ela apressou-se a atravessar, passando por baixo de Fusiliers' Arch, à entrada do parque, seguindo ao longo do lago dos patos, onde decorria uma cena deveras encantadora: uma mãe e a criança que mal começara a andar estavam

a dar de comer aos patos. Em condições normais, uma situação daquelas tê-la-ia levado a pegar na máquina fotográfica, mas naquele momento acelerou o passo, acabando por sair, triunfante e já quase sem fôlego, no outro extremo do parque.

Fazendo uma pausa para normalizar a respiração, olhou em redor com entusiasmo e eis que, mal estacionado numa faixa de trânsito bastante movimentada e com a firme intenção de lançar o seu encanto sobre uma polícia de trânsito de aspeto robusto, lá estava Rossa. O esplêndido e *sexy* Rossa Granville.

Deixou para trás a mala, correu na direção dele e, a rir, atirou os braços ao pescoço de Rossa.

– Eh lá, vai com calma! – exclamou ele, fingindo cambalear sob o efeito do peso dela e fazendo sinal para a polícia de trânsito. – É isto que tem de bom o facto de viajar para longe. Quando se volta, a receção entusiástica é garantida. Tenho de viajar mais vezes!

– Nem te atrevas a dizê-lo! – Fingindo fazer beicinho, Ashling tentou afastar-se, mas ele segurou-a firmemente pela cintura, brindando-a com toda a força do seu poderoso sorriso. Ela sorriu de esguelha e encostou-se a ele. – Senti um alívio tão grande quando telefonaste do aeroporto esta manhã. Estava preocupada que pudesse ter surgido qualquer coisa que te retivesse na Tailândia e acabava por ficar eu a andar de um lado para o outro, sozinha, em Carrickross. Oh, querido, senti tantas saudades tuas!

– E eu ainda mais – disse Rossa, soando a sua voz abafada por ter a boca encostada à cabeça de Ashling.

Ela voltou a afastar-se.

– A sério que sentiste?

– Ei, que ideia é a tua? – Esboçou um sorriso próprio de um miúdo traquina. – Nem imaginas como é enfadonho andar por lá sozinho!

– Oh, sim, Hua Hin é um lugar mesmo de fugir. – O tom dela era de brincadeira, mas ainda assim soou seco. – Todo

aquele sol maravilhoso, o mar e as sensuais raparigas morenas! *Cocktails* na praia, pores do Sol próprios de um postal ilustrado e mergulhos a meio da noite! Uma verdadeira penitência, imagino que sim! – Tentou não se mostrar invejosa em relação à brilhante carreira de Rossa como piloto da Thai-Orient, mas sabe Deus que ela não seria humana se, por vezes, não se ressentisse do modo como o emprego dele levava a que chegassem a ficar separados durante várias semanas.

Com um sorriso malicioso, Rossa pegou na mala dela e colocou-a na bagageira do seu carro.

– Anda daí, amor da minha vida! Vamos fazer-nos à estrada. A ver se conseguimos chegar à autoestrada antes de o trânsito piorar. Assim, deveremos conseguir chegar a Kerry bem antes de a avó soltar os cães.

Sem sequer prestar atenção aos condutores que ficavam a olhar para ele ao terem de mudar de faixa para contornar o *Aston Martin*, contornou também o carro em ritmo de passeio e foi abrir a porta do passageiro para ela entrar.

– «O jantar será servido às oito em ponto!» – Fez uma imitação perfeita da dicção da avó, rigorosa, ligeiramente nasalada e de aspeto grandioso. – «O traje é formal! Nada de peidos, arrotos, nem quecas no palheiro!»

– Rossa, para com isso! – Em reação àquela irreverência, Ashling pôs-se às risadinhas. Constituindo uma espécie de recuo até aos tempos da governação britânica da Índia, Honoria Granville era bem capaz de intimidá-la, muito embora tivesse dado total aprovação àquele noivado.

Quando Rossa se sentou ao lado dela, esta colocou a mão sobre a coxa dele, num gesto de posse, sentindo os músculos contrair-se quando ele engrenou a mudança e arrancou com os pneus a guinchar, atravessando duas faixas de uma só vez enquanto, com o braço esticado fora da janela, fazia gestos com a mão para saudar os outros condutores, já encolerizados. Ashling agarrou-se com firmeza e preparou-se para uma viagem com

bastantes solavancos. Mas Rossa era mesmo assim: regia-se pelas suas próprias leis. Tal como todos os Granville, pensou Ashling, ainda admirada com o quanto a sua vida mudara em apenas alguns breves meses, e tudo graças a uma encomenda totalmente inesperada que Honoria Granville lhe fizera no sentido de realizar uns quantos retratos de família formais na sua magnífica propriedade rural em Kerry. Na verdade, a perspetiva desse trabalho deixara-a um pouco desconcertada. Embora tivesse recentemente sido celebrada como a resposta irlandesa à sua heroína de todos os tempos, a fotógrafa americana Annie Leibovitz, e se estivesse a transformar num nome a ter em conta no difícil mundo dos fotógrafos da sociedade, achara que os métodos que aplicava seriam demasiado vanguardistas para uma família assim tão antiga e grandiosa. Mas, caramba! Que experiência aquilo acabara por se revelar. Que família!

Não sendo pessoa de rejeitar um desafio, Ashling conseguira até sair-se muito bem e o resultado havia sido uma coleção de retratos bastante atrativos e distintos. As dos gémeos, Indigo e Sapphire, tinham ficado particularmente notáveis. Se bem que, na verdade, as pessoas retratadas fossem, já de si, notáveis. Dois seres belíssimos, de uma perfeição quase assustadora: louros, de olhos azuis, com um ar angelical, mas com qualquer coisa de perturbador que se escondia por detrás dos respetivos sorrisos.

Dois membros importantes da família tinham estado fora no dia da sessão fotográfica. Carrick Granville, o irmão mais velho de Rossa, encontrava-se no Japão em negócios, e o seu tio Jaspar, que, segundo as palavras de todos, era um tipo bem interessante, vivia no Quénia. Ashling achou estranho que Honoria tivesse combinado a sessão numa altura em que ambos estavam ausentes. Fora também um desapontamento. Gostaria muito de ter podido conhecer Carrick, muito aclamado pela imprensa pela sua arquitetura inovadora e as suas credenciais «verdes». Na verdade, não era preciso ser genial para se aperceber que Honoria

Granville era uma mulher que marchava ao som do tambor que ela mesma tocava e talvez Ashling não devesse ter ficado tão surpreendida ao constatar que, muito embora dois membros cruciais da família estivessem ausentes, Rajesh, o criado indiano de Honoria, fora incluído na fotografia familiar.

Quanto a Rossa, bem, a verdade é que reparara nele logo de início. Bastou assentar o seu olhar naquele par de turquesas de um azul profundo e quase sentira as pernas a fraquejar. E ele fora tão amável e atencioso, certificando-se que não lhe faltava café nem sanduíches, para que não lhe faltassem as forças, como ele dissera. Quando, na segunda noite, a convidou para jantar num extraordinário restaurante local especializado em peixe – a primeira noite fora um jantar em família –, ela nem sequer fingira qualquer relutância. Era tal a sedução que ele exercia sobre ela que poderiam ter comido serradura e Ashling nem teria dado conta. Depois, durante o café, quando admitiu com alguma timidez que nutria algum interesse por fotografia e lhe perguntou se ela não se importaria de dar uma vista de olhos à sua coleção, concordou sem qualquer hesitação, se bem que, normalmente, a ideia de ficar a ver os instantâneos de férias das outras pessoas era coisa que quase a fazia subir pelas paredes. As fotos eram boas, embora não fossem brilhantes, mas eram decerto melhores do que a média: paisagens de terra e do mar, em que ele captava a beleza exótica de Hua Hin, onde tinha a sua base. Havia também registos das gentes locais e não pôde deixar de reparar numa encantadora jovem, com o cabelo pela cintura e olhos que sorriam de um modo arrojado, que aparecia fotografada diversas vezes. Seria, porventura, a sua namorada? Ficou surpreendida por sentir um acesso de ciúmes.

No entanto, não precisaria de se ter preocupado. Por alturas do seu regresso a Dublin, Rossa já deixara bem claro que o seu interesse não se resumia apenas à fotografia, abrangendo também uma fotógrafa em particular, ela mesma, e deu por si envolvida num turbilhão romântico que iria transformar a sua vida. Passados

dois meses estavam noivos e, para grande surpresa de Ashling, a austera Honoria não hesitara em dar-lhes a sua bênção.

E eis que se encaminhavam agora para o local onde tudo começara, com vista a discutir os preparativos para o Baile do Solstício de Verão, em que Honoria fazia tenções de anunciar formalmente o noivado.

– Diz lá o que estás a pensar... – Rossa tirou a mão da alavanca da caixa de velocidades por alguns instantes e apertou ligeiramente os dedos dela.

– Estava só a antecipar um pouco o que vai ser o Baile do Solstício de Verão e os planos da tua avó. – Ashling permitiu-se fazer uma pequena mas bem-humorada careta. – Falámos algumas vezes ao telefone nos últimos tempos e digamos apenas que o ato de falar contigo e comigo parece não ser mais do que uma mera formalidade.

O Sol, já a iniciar o seu percurso descendente, apresentou-se diante do para-brisas e Rossa retirou um par de óculos *Ray-Ban* do bolso do casaco, colocando-os na cara.

– Enfim, parece que ela está a assumir a liderança, a dirigir todo o espetáculo, não é? Receio que não lhe seja fácil largar os velhos hábitos.

– Bem podes dizê-lo! Ela parece ter pensado em tudo, desde uma fonte de champanhe até outra de chocolate, sendo que essa última foi sugestão da Sapphire, creio eu. Mas não quero que isto soe como se estivesse a lamentar-me, pois, honra lhe seja feita, ela parece determinada em fazer com que o evento seja algo «bastante apelativo para os mais jovens». – Com os dedos desenhou no ar as aspas em redor da expressão.

Incrédulo, Rossa desatou a rir.

– Bem, macacos me mordam, uma fonte de chocolate! Agora é que acho que já ouvi tudo. Para ideias extravagantes como essas bem podes confiar na minha prima Sapph. Seja como for, aquilo que a Sapph quer a Sapph tem. Desde sempre que a avó anda a tentar compensá-la, seja lá por que razão for.

Nunca consegui perceber com certeza qual será afinal. – Rossa apontou para o porta-luvas. – Acho que preciso de fumar um cigarrinho. Fazes as honras?

Embora não aprovasse o ato de fumar, Ashling tinha de admitir que gostava de observar Rossa a fazê-lo. Era algo absolutamente *sexy*, que a levava a imaginar uma cena entre Bogart e Bacall. Abriu o porta-luvas e retirou de lá uma cigarreira revestida a couro, na qual tinham sido gravadas as iniciais do seu nome, juntamente com o logótipo da companhia aérea para a qual trabalhava. Ao lado estava um isqueiro *Dunhill* de ouro. Rossa tinha gostos caros, afinal de contas era um Granville... Ela acendeu o cigarro, puxou o fumo vigorosamente e, quando se certificou de que estava aceso, passou-lho, tendo-se os seus olhos fixado no pulso vigoroso bronzado com os pelos louro-arruivados. Também tinha um relógio novo? *Porsche*, ao que parecia. Fotografara recentemente uma coleção deles para uma revista e sabia bem que um relógio daqueles, genuíno, lhe teria custado uns bons quatro mil euros. Ele puxou o fumo com sofreguidão, expelindo dali a instantes uma nuvem azulada.

– Um verdadeiro maná! – exclamou, pressionando de seguida um botão na consola que se encontrava no meio deles. O vidro da janela do condutor desceu para permitir que o fumo se escapasse para o exterior.

Um delicioso frémito de expectativa percorreu a coluna de Ashling. Mal conseguia esperar por aquela noite e pela sensação do corpo de Rossa, firme como uma pedra, contra o seu. Pensou alegremente nas deslumbrantes cuecas da *Agent Provocateur* aninhadas na sua mala.

– Então, já deste as boas novas à tua mãe?

– O quê? – A pergunta arrancou-a da sua complacência e o tremor que desta vez lhe percorreu o corpo foi mais receio do que fantasia. – *Hmm...* Ainda não. Ela ainda está nos Estados Unidos. Acho que... *hmm...* prefiro dizer-lhe pessoalmente. É justo que assim seja.

– Não tens vergonha de mim, pois não? – O tom dele era trocista.

– Claro que não! É só porque... bem, a minha mãe não é como outras mulheres. Precisa de ser manuseada com cuidado.

Rossa já ouvira falar de Coppelia Morrison. Seria preciso andar muito desligado de tudo há já vários anos para que tal não sucedesse. A fotografia dela andava sempre espalhada pelos jornais, acompanhada de pormenores acerca das suas proezas e das suas mais recentes conquistas, todos eles podres de ricos e muitos com ar de quem ainda nem atingira a maioridade. Ficara surpreendido com o facto de a sua avó nem sequer ter colocado entraves ao saber da ligação. De acordo com o modo de ver as coisas de Honoria, Coppelia Morrison era o pior tipo de mulher que se poderia imaginar: vulgar, alpinista social, sempre pronta a alimentar os tabloides. Um dos seus adágios preferidos veio-lhe de imediato à memória: «Deita-te com os cães e acordas cheio de pulgas.» Era, sem dúvida, bastante estranho o facto de Honoria ter mantido um invulgar silêncio em relação a esse assunto. Tinha de saber da relação de Ashling com Coppelia mesmo antes de a ter contratado para a sessão fotográfica.

– Seja como for – começou Ashling, assumindo o papel de Scarlett O'Hara –, não quero pensar nisso agora. Amanhã logo penso nisso.

– Parece-me bem. Vamos antes ouvir música. Snow Patrol?

– Perfeito! – Ashling recostou-se nos luxuosos estofos e dali a alguns instantes estavam os dois a cantar ao som de «Chasing Cars».

Ashling acordou com um solavanco quando o carro fez uma curva mais apertada para a direita e começou a subir uma longa estrada secundária, que serpenteava sob uma cobertura formada por enormes larícios, semelhante à abóbada de uma catedral.

– Estamos quase lá. – Rossa tocou a coxa dela ao de leve enquanto Ashling pestanejava até recuperar toda a consciência e fitar o tom purpúreo do crepúsculo lá fora.

Ashling estremeceu involuntariamente. Estavam a chegar a Carrickross e desta vez ela iria lá entrar já quase na qualidade de membro da família.

Rossa reparou nesse movimento.

– Tens frio? – perguntou, começando a mexer no comando da temperatura existente na consola.

– Um pouco – mentiu Ashling, não estando disposta a confessar-lhe o medo que sentia; que, sendo filha única, estava nervosa relativamente a passar a fazer parte de uma família assim tão grande, a ser aceite por todos os outros, a adaptar-se e a encontrar o seu próprio espaço. Fosse como fosse, alguns dos seus pensamentos deveriam ter penetrado na mente dele, pois esticou a mão e apertou-lhe os dedos num gesto de encorajamento. De imediato ela ficou mais descontraída, pondo-se secretamente a examinar as linhas fortes do seu rosto. Estava com Rossa... Rossa Granville, o homem dos seus sonhos, que não tardaria a ser o seu marido. Tudo iria correr bem.

– Já telefonei para avisar que estamos a chegar – informou Rossa. – Falei com a Noreen. Lembras-te dela, a cozinheira?

– Claro que sim. – Apesar da brevidade da sua última visita, Ashling simpatizara com Noreen e com os seus cozinhados.

Quando o carro terminou a subida e iniciou a última descida antes da chegada começaram também a contornar os velhos muros de pedra que demarcavam a vasta propriedade de Carrickross. No meio da escuridão ergueram-se de repente, em todo o seu monolítico esplendor, os portões de ferro e o nível de ansiedade de Ashling aumentou uma vez mais. Nem tão-pouco o súbito retumbar de cascos que se aproximavam serviu para suavizar esse nervosismo. Dali a alguns instantes,

os faróis iluminaram a figura de Seán McCarthy, montado num magnífico garanhão árabe. Seán era o moço de estrebaria de Carrickross, bem como o aprendiz de coureiro, fazia por vezes de motorista, para além de um pouco de tudo o que havia para fazer na propriedade.

Desmontou, prendendo de seguida o cavalo a um poste ali próximo, e depois arrastou os pesados portões por cima da gravilha, produzindo uma chiadeira. Saudando ambos com um aceno da cabeça, aproximou-se do carro e debruçou-se diante da janela que Rossa abrira.

– Bela máquina, Rossa! Quem tiveste de andar a comer para conseguir isso?

Rossa desatou a rir sem sequer se sentir incomodado com toda aquela familiaridade. Conheciam-se desde crianças.

– Isso querias tu saber, amiguinho! – Fez um sinal na direção do cavalo, de cujas narinas eram expelidas suaves nuvens de vapor enquanto os cascos iam esmagando a gravilha de modo impaciente. – Como está *The Sheikh*? Devo dizer que está com um belíssimo aspeto!

– Meu Deus, ele é bestial – concordou Seán. – Nada a apontar. O Carrick tem mesmo um bom olho para os cavalos.

– Bem melhor que o meu, em todo o caso – acrescentou Rossa, referindo-se num tom pesaroso ao seu bem conhecido pendor para as apostas.

Seán sorriu, deitando um olhar descarado a Ashling.

– Oh, não tenho assim tanta certeza. Tiveste bom olho para Miss Ashling. Se bem que ainda não consegui compreender por que razão ela não tratou já de te dar um coice.

Fingindo-se melindrado, Rossa acelerou.

– Ah, vê lá se vais à merda, Seán, seu pelintra descarado. Vai mas é trabalhar, para variar! – Metendo a mudança, voltou a acelerar afastando-se e subindo pelo caminho ladeado por árvores. Seán ficou a rir-se enquanto trancava os portões.

Quando deixaram para trás o último grupo de árvores que lhes servia de cobertura, um denso amontoado de pinheiros-silvestres, Ashling susteve a respiração na altura em que Carrickross se revelou em todo o seu esplendor. No meio da escuridão, e com projetores de luz habilmente dispostos acima da fachada com as suas chaminés altas e diversos torreões, parecia mesmo coisa acabada de sair de um conto de fadas.

Rossa parou o carro para permitir que ela apreciasse a vista.

– E então, Ash, a vista é tão bonita quanto te lembravas?
– perguntou ele, denotando orgulho na voz.

– É fabulosa! – Ashling sentiu-se intimidada. Não a recordava assim tão... esmagadora. Mas, na verdade, a primeira e única vez que ela ali tinha estado antes fora em trabalho, embora tivesse admirado aquela construção do mesmo modo que qualquer pessoa admira um hotel bonito ou um edifício público, a sua atenção concentrara-se sobretudo nas poses, nos ângulos, no fotómetro. Acima de tudo, concentrara-se nas pessoas. Agora, porém, olhava o edifício de um modo inteiramente diferente. Agora era um assunto pessoal. Devagar, deixou que os seus olhos abarcassem toda a pálida fachada de pedra calcária, extraída nas redondezas, que fora sendo alterada e aumentada ao longo de gerações e gerações da família Granville durante centenas de anos. Sabia que, de dia, um olho mais experimentado seria capaz de reconhecer as juntas, as variações de cores que contavam a história de como a ala ocidental começara por ser construída e só mais tarde, já num outro século, a ala oriental, estendendo-se ambas para fora do edifício principal, como braços, prontos para se fechar num amplexo.

Rossa voltou a ligar o motor do carro e subiu o caminho de acesso à casa, guinando para o lado e parando junto a um lanço de degraus que conduzia à entrada principal. Ashling fitou o espaço em redor, recordando-se de tudo. O caminho de acesso estava disposto ovalmente em redor de um relvado

que, com o hábil recurso a volumosas sebes, fora moldado de modo a formar um labirinto em miniatura. Um relógio de sol, cuja placa de cobre já apresentava o verdete próprio da idade, estava situado diretamente no centro, sobre uma base de granito em que fora gravado o brasão dos Granville. Das várias janelas com divisórias verticais em pedra era vertida uma luz alaranjada, dividida por aquilo que pareciam as diversas faces de um diamante. Os degraus em mármore que conduziam à porta estavam confinados de cada um dos lados por balaustradas com ornamentações gravadas na pedra, cujos pilares eram rematados por grandes vasos ornamentais dos quais tombavam profusamente heras e lobélias em tons azuis e róseos.

De repente, as grandes portas foram escancaradas e uma figura feminina desceu as escadas em passo apressado: Noreen McCarthy, a cozinheira e governanta, bem como mãe de Seán.

– Oh, Deus Nosso Senhor, pobrezinha de si, deve estar mesmo exausta! Deixe lá a bagagem... Vou arranjar quem a leve para dentro e lá para cima, para o quarto.

Agarrando Ashling pelo braço, Noreen ajudou-a e atarefou-se a conduzi-la pelos degraus acima, deixando Rossa a cuidar de si mesmo. Por cima do ombro, atirou um olhar que denotava aversão na direção do *Aston Martin*.

– Se quiser saber a minha opinião, esses carros desportivos são muito bons e bonitos, minha querida, mas, se quiser conforto, então não vai ser neles que o encontrará. Vá, entre e vá refrescar-se um pouco na casa de banho das senhoras, ali no vestíbulo, antes de ir ter com a senhora. Ela está à sua espera em Little India.

– Little India? – Ashling não tinha a certeza se teria ouvido bem.

Noreen soltou um riso abafado.

– Sim, Little India. É como nos referimos à sala de visitas principal por causa de estar atafalhada com toda a sorte de